

## VIVÊNCIAS COM A ARTE CONTEMPORÂNEA NA INFÂNCIA: UMA PROPOSIÇÃO PARA A MEDIAÇÃO CULTURAL

José Inacio Sperber<sup>1</sup>  
Rosana Clarice Coelho Wenderlich<sup>2</sup>  
Carla Carvalho<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões acerca de uma prática educativa realizada no componente curricular de Artes durante o período da Pandemia da COVID-19. Tem por tema a arte contemporânea na figura das obras de Christo e Jeanne Claude, artistas responsáveis pelas criações das conhecidas megainstalações. As crianças criaram a partir das obras dos artistas, “empacotaram” objetos, móveis e os próprios corpos neste movimento. Consideramos que, mesmo sendo uma vivência singular, pelo contexto em que foi desenvolvida, proporcionou o encontro com a arte por meio da ressignificação do lugar de criação, fazendo da casa um ateliê de inventividades e criações nos tempos de isolamento social.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea, Infância, Mediação Cultural, Ensino de Artes Visuais, Christo e Jeanne Claude.

### INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas aos educadores e pesquisadores da área da educação de que a Pandemia do novo Corona Vírus alterou de forma significativa as dinâmicas do espaço escolar, do cotidiano e da vida de crianças, estudantes, professores e de todos os atores que constituem o espaço da escola.

Ainda vivemos um cenário Pandêmico instável no Brasil, a vacinação segue em ritmo lento, o número de óbitos diários ainda segue alto e vemos um movimento de “volta à normalidade” que desafia o controle de infecções no país.

Nesse contexto adverso, alguns estados retomaram as aulas presenciais, outros ainda mantém o ensino remoto e nessa instabilidade a comunidade escolar tentar encontrar uma forma de lidar com as marcas que a Pandemia vem deixando em nossos corpos. Corpos [pandêmicos], pois infectados ou não, nossos corpos vivem esse estado

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação na Universidade Regional de Blumenau - SC, [jsperber@furb.br](mailto:jsperber@furb.br);

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - SC, [rosana.wenderlich@gmail.com](mailto:rosana.wenderlich@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Educação (UFPR) e Professora do PPGE da Universidade Regional de Blumenau - SC, [carcarvalho@furb.br](mailto:carcarvalho@furb.br);

de pandemia que nos afeta, que nos mobiliza a olhar para a realidade sob outras perspectivas (CARVALHO *et al.*, 2020).

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca de uma prática educativa realizada no ano de 2020, ainda no período de aulas totalmente remotas, em uma escola privada de Santa Catarina.

A proposição educativa em discussão foi realizada no componente curricular de arte e foi desenvolvido a partir de provocações estéticas da obra dos artistas Christo e Jeanne Claude. De forma mais específica, foram tema da aula as “megainstalações”, também chamadas de “empacotamentos” ou “embrulhos”, que os artistas realizaram em diversos lugares do mundo, como o exemplo da “megainstalação” feita no Parlamento Alemão (Figura 1).

**Figura 1 - Reichstag embrulhado (Berlim, 1971–95).**



Fonte: Registro de Wolfgang Volz (1995)

A prática realizada a partir da obra dos artistas fez parte de um projeto que contou com outras propostas que discutiam a Arte Contemporânea, porém, neste trabalho vamos nos reservar a discutir esta vivência para olhar de forma mais aprofundada para os aspectos que podem contribuir para as discussões acerca do ensino de artes visuais nos tempos pandêmicos e, de modo geral, os aspectos significativos e frágeis que podem ser observados nesta proposição.

A partir do exposto sobre o objeto em discussão, elencamos como questão mobilizadora para a discussão o seguinte questionamento: quais os aspectos temáticos e

inventivos identificados na prática pedagógica com crianças a partir da obra de Christo e Jeanne Claude?

Compreendemos a inventividade como uma possibilidade de ir além do espaço de criação, pois o contexto é diferente e as crianças têm como ateliê a própria casa, por vezes o quarto, a sala, a cozinha... Nesse sentido, a criação ganha um lugar de inventividade que nos mobiliza a pensar o encontro com a arte sob uma outra perspectiva, fora das discussões mais comuns sobre o ensino formal de arte.

Temos por objetivo identificar os temas e aspectos criativos que mobilizam a relação das crianças com o espaço da aula (casa) a partir da obra de Christo e Jeanne Claude. Cabe ainda destacar que a proposta foi realizada com quatro turmas do 1º ano do ensino fundamental, tendo 74 crianças participantes nas aulas.

No tópico seguinte, apresentamos algumas considerações sobre a mediação cultural, conceito que nos mobiliza a pensar o encontro com a arte neste novo contexto de ação, de virtualidade, por vezes, de desencontro, mas também de vivências singulares com a arte e a cultura.

## **MEDIANDO ENCONTROS COM A ARTE**

Em um cenário de tantas preocupações causadas pela Pandemia, para além de todo o desafio de adaptação a uma nova dinâmica de ensino e aprendizagem imposto pelo contexto pandêmico, está imbricado na proposição educativa aqui apresentada uma intenção de sensibilizar as crianças e também as famílias que adentram as aulas online.

Sensibilizar para olhar para o outro, para olhar para si, para olhar para o mundo com olhos críticos, com olhos estesiados pela beleza que é a vida, mesmo em tempos de morte. É isso que nos dizem Martins e Picosque (2012, p. 37):

O contrário da estesia é a anestesia, a dessensibilização que traz a crise de nossos sentidos. Seu efeito em nós deixa marcas profundas no modo de compreender o mundo e nele agir. Se por um lado ficamos com o fazer criativo rebaixado, agindo como meros executores de tarefas, por outro lado não baixamos mais os olhos para o lixo jogado no chão, o corpo estendido no chão.

Reside no encontro com a arte a possibilidade de compreender o mundo de outra forma, não romantizada, estereotipada como alguns defendem, mas uma compreensão do mundo como lugar de potência para criar, para ser, para estar, para encontrar-se consigo e com o outro. Mas essa potência artística de mobilização dos sentidos necessita de

aprendizado. O interesse pela arte necessita de encontros significativos com os objetos artísticos, pois “[...] se aprende a gostar da arte na medida em que se têm fruições estéticas que sejam significativas” (LAMAS; MARMO, 2012, p. 806).

Esses encontros não são momentos quaisquer, pois é no encontro, na relação e na potência destes momentos que há possibilidades significativas de gerar novos modos de perceber, sentir e ver o mundo. Singularmente agora em pandemia o desafio é muito grande, considerando que parte dos sentidos com a arte se constituem na relação com o mundo, com o que se vive em tempo real. Assim, a vida e a fragilidade da vida nesse tempo pandêmico vem a tona na medida que parte do intuito é estesiariar sobre e para a vida.

Compreendemos o professor de arte como um propositos, um mediador do encontro do sujeito com a arte. É por meio desse processo educativo que a fruição se potencializa e toca o expectador, que não é passivo nesse processo, mas sim o protagonista do encontro. No processo de mediação estão imbricados diversos aspectos que potencializam os diversos caminhos de encontro com a obra, pois mediar é

[...] andar junto, promover encontros com a arte e cultura, esteja ela nos museus, nos livros, no teatro ou nos muros do colégio. Mediar é promover encantamento, mas também estranhamento, conversar e perguntar, ter dúvidas, inquietar-se e mover-se em diferentes direções. Mediar é estesiariar os sentidos! (CARVALHO, NIETZEL, 2016, p. 41).

É a partir desta concepção de mediação que olhamos para a prática educativa em discussão e buscamos compreender os aspectos que potencializam a ação docente em arte neste contexto, pensando a sensibilidade e ação propositiva como norteadoras para mobilizar o encontro com a arte por meio da virtualidade.

## **INVENÇÕES NA AULA DE ARTE**

De início, gostaríamos de colocar que pensar a dinâmica do encontro online é uma tarefa desafiadora. Um importante adendo que deve ser feito para contextualizar o lugar de onde falamos é de que a situação socioeconômica dos estudantes da escola (privada) em que a prática foi realizada sustenta um certo privilégio que possibilitou, por exemplo, a presença de todas as crianças em uma aula online. Todas possuíam notebook, celulares ou outros meios de acessarem os encontros virtuais.

De forma alguma essa questão isenta as crianças de perdas significativas em questões práticas que dizem respeito ao encontro, a socialização e a própria efetividade

do ensino da arte, que demanda muito da presença, da troca, do encontro e da partilha no coletivo. Mas compreendemos ser importante fazer este recorte, visto que a Pandemia descortinou, como aponta Santos (2020) a desigualdade social presente no Brasil e em outros países onde o abismo social e econômico interfere diretamente no acesso e na permanência dos estudantes na escola durante a Pandemia.

Feito este recorte inicial, apresentamos agora algumas discussões sobre a prática educativa em questão. O encontro com as crianças foi realizado na plataforma Google Meet. A sequência das aulas já discutia outros artistas contemporâneos e outras práticas foram realizadas, mas na aula em questão dialogamos sobre a *Land Art*, proposição artística que provoca intervenções na natureza modificando a paisagem. É nesse contexto que entram em cena as obras de Christo e Jeanne Claude, que, como mostrado no exemplo da Figura 1, em determinado momento de sua carreira realizaram proposições de intervenções que modificaram a paisagem urbana e também de outros contextos, chamando a atenção para a dimensão de suas proposições artísticas e provocando discussões acerca dos espaços e das instituições em que as interferências eram feitas.

A partir da obra de Christo e Jeanne Claude, a proposição feita às crianças era de criar, dentro de suas casas, no jardim, ou em outro espaço que ficasse na residência, uma intervenção que lembrasse um dos “empacotamentos” realizados pelos artistas estudados. É nesse momento que as invenções começam.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, “Inventar” é “Criar (algo concreto ou abstrato) ou ser o primeiro a ter a ideia de (dispositivo, mecanismo, técnica etc.), Imaginar (coisas, pessoas e fatos) sem existência real, criar, fabular, fantasiar”. A invenção, neste caso, é a possibilidade de recriar a realidade, de “embrulhar” o corpo, a casa, os objetos. É a possibilidade de ressignificar a casa e o corpo, pandêmicos!

Partimos das obras dos artistas e da possibilidade de criar diálogos com os espaços, objetos que circulam as crianças. No entanto, no percurso, percebemos as escolhas que eram possíveis dentro da realidade vivida. Nos encontros virtuais as crianças trouxeram imagens do que “empacotaram”, “embrulharam” no processo. A intencionalidade pedagógica e artística foi o processo, foi o pensamento a ser elaborado para a escolha.

Das imagens que recebemos, separamos em duas grandes categorias: as Relações Corpóreas e as Relações Espaciais. No percurso, quando lançamos a proposta poética, não tínhamos ideia de quais seriam as escolhas dos estudantes, ainda, de quais materiais

utilizariam para a elaboração da atividade. Lançamos a proposta e em virtude do tempo alongado em casa, do encontro com as famílias, das aulas remotas e a distância, da mediação das famílias na relação com as atividades escolares, entre outras, percebemos que as atividades foram experiência com as singularidades possíveis nesse tempo e lugar pandêmico.

Ao olhar para as criações feitas pelas crianças, podemos observar um movimento criativo que envolve o corpo, seja o corpo da criança ou dos pais e parentes que moravam na casa, estas relações estabelecidas com o corpo foram categorizadas como **RELAÇÕES CORPÓREAS** (Figura 2). O uso do corpo como suporte e tema na arte contemporânea é recorrente e inclusive é uma das tendências elencadas por Kanton (2009a) em sua pesquisa acerca das temáticas que permeiam a produção artística contemporânea.

Essa relação com o corpo ainda evidencia um movimento de descontração e brincadeira nos relatos que as crianças e as famílias enviaram após a realização da atividade via *Google Classroom*, onde as fotos das produções feitas pelas crianças foram postadas. A seguir apresentamos alguns destes relatos:

“Olá! Ai está a Estudante 1 empacotada” (Relato da responsável pela estudante 1).

“rsrsrs empacotamento da mamãe! um abraço e ótimo dia” (Relato do estudante 2).

“Empacotei o meu irmão” (Relato do estudante 4).

**Figura 2 – Relações corpóreas.**



Fonte: elaborado pelos autores

Esse movimento de interação dos estudantes com suas famílias no percurso de criação, em casa, evidencia um fazer artístico coletivo, numa atividade de co-criação entre crianças e família. Nesse sentido, apresenta-nos também um percurso de formação da identidade das crianças que se faz na relação com os outros que participam do processo: pai, mãe, irmãos, avós, os artistas (Christo e Jeanne Claude), o professor, os colegas de turma, todos estes se fazem presentes nas criações desses estudantes e, por consequência, constituem também as identidades dessas crianças. Na relação com essa percepção e refletindo sobre a vida contemporânea, Canton (2009a, p. 16) nos diz que

A velocidade da vida contemporânea, a virtualização das relações de produção e a instabilidade generalizada que resulta dessas trocas provocam uma sensação de estranhamento em relação ao conceito de identidade. Somos cada um de nós e somos também os outros, as alteridades, tudo aquilo com o que nos relacionamos.

O segundo movimento observado nas criações realizadas pelas crianças foi a relação com o espaço. Nesse movimento, algumas crianças se propuseram a “empacotar” objetos, brinquedos e móveis da casa. Nesse sentido, a casa se torna não mais um espaço, mas um lugar de criação, evidenciando mais um tema efervescente na produção artística contemporânea: as relações entre espaço e lugar (CANTON, 2009b). Categorizamos esse segundo movimento como **RELAÇÕES ESPACIAIS** (Figura 3), que evidenciam esse contato com o espaço e a resignificação do lugar-comum que é a casa para um outro lugar, que é o de invenção, de criação. Nesse conjunto de imagens e empacotamentos também observamos espaços coletivos empacotados, lugares de brincar, que antes eram usados e agora com a pandemia estão fechados nos condomínios.

Nesse percurso, também obtivemos alguns relatos que apresentam o tom de diversão e de certa forma, de ludicidade, da proposta no processo de criação das crianças junto das famílias:

“Olá prof. nós empacotamos o sofá e a Estudante 5 rsrsrs...abraço!” (Relato da responsável pela estudante 5).

“Estudante 6 empacotou um mouse rs” (Relato da responsável pela estudante 6).

Observamos o envolvimento da família nas respostas, o que indica, assim como no grupo de trabalhos apresentado anteriormente, que a atividade envolveu outras pessoas que brincaram, e que se desafiaram a pensar o espaço ou o que seria empacotado.

Figura 3 – Relações espaciais.



Fonte: elaborado pelos autores

Dentro do que pensamos, o que foi empacotado tem relação com o tempo vivido e o contexto pelo qual as crianças circulam. O espaço vivido em tempo de pandemia, ainda mais no ano de 2020, foi o distanciamento. De certa forma, em alguns casos, um certo isolamento foi vivido pelas famílias envolvidas no contexto investigado. O objetivo da atividade foi de criar potência nesses lugares, criar potência inventiva e poder pensar esses espaços cotidianos, para além do “isolamento”.

Olhar poeticamente para onde se vive é criar potência, criar outras formas de interação com o contexto. Assim, empacotar é de certa forma proteger, criar forma de manter. Manter a vida, manter a relação vivida com o objeto ou o contexto. Observamos aqui, algo não esperado... empacotar pessoas! Empacotar, condicionar, encartuchar, enfardar, embalar, acondicionar, entre outros... são ações similares que nos levam a olhar para algo com cuidado.

Ao olhar para a diversidade de espaços, mobílias e materiais utilizados pelas crianças, percebemos que a casa enquanto lugar de criação mobiliza outros olhares para aquilo que é cotidiano e, nesse movimento, desloca o comum para um outro pensamento,



próprio de uma atividade artística contemporânea, que elabora e pensa a arte com aquilo que faz parte do dia a dia, objetos que num movimento de re-criação e resignificação se reconfiguram como arte, como objeto artístico.

Dentre as produções realizadas pelas crianças, destacamos um criação que, de certa forma, se aproxima significativamente da obra de Christo e Jeanne Claude ao ocupar o espaço externo da casa, o espaço comum do condomínio, da circulação das pessoas: uma gangorra empacotada:

**Figura 4 – Gangorra empacotada.**



Fonte: Dados da pesquisa

Talvez um cuidado para um tempo frágil vivido, empacotar ou embrulhar uma pessoa que não se quer perder? Um brinquedo importante? Um lugar que traz uma boa lembrança? Um lugar de risos longos, como o parque? Bem, ficam aqui perguntas que nos encontros formam motivos breves de relatos, mas que sentimos falta de aprofundamento na presença. No entanto, na presença, no espaço escolar, outros objetos e lugares seriam empacotados. Assim, fica a questão para a continuidade de nossas reflexões pandêmicas.

Pode haver criação e inventividade em meio a pandemia, em meio virtual, mas há com certeza menos troca ou partilha em menos potência. Foi o vivido, e a partir dele buscamos olhar para o que foi viver essa escola suspensa na relação com o contexto familiar por meio virtual (CARVALHO *et al*, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola, enquanto espaço físico estava ou está ainda suspensa (CARVALHO *et al*, 2020). Neste outro lugar, da virtualidade, na presença em casa outros movimentos foram criados. O encontro mediado pela tecnologia aconteceu neste contexto pelo fator socioeconômico, que, infelizmente, determina que algumas crianças possam ter acesso as aulas remotas e outras não.

Educadores tem, neste momento e, principalmente no momento pós-pandemia o difícil trabalho de olhar para este percurso vivido em tempos pandêmicos e identificar os aspectos frágeis, que fragilizam o contexto educacional e local das escolas. E por outro lado, tem também a tarefa de olhar para os aspectos significativos, que podem ser socializados e pensados como possibilidades para o ensino presencial. O que nos propomos com esta escrita foi na direção deste segundo movimento. Compreendemos que esta foi uma vivência singular, mas possível de proporcionar o encontro com a arte, um encontro de relações corpóreas.

Uma relação que se estabeleceu entre a arte, a cultura, as crianças e seus familiares por meio da mediação cultural e da possibilidade de criação. Estes se arriscaram e, literalmente, “empacotaram” móveis, objetos, brinquedos, os seus e outros corpos presentes na casa, em uma construção de relações espaciais.

Importante evidenciar que a casa como lugar de criação evidenciou movimentos outros de mediação e de encontro com a arte, alguns ocuparam espaços coletivos das famílias, trazendo aos seus contextos parte do conceito discutido.

A tecnologia cumpre o seu papel de mediar e, dentre as possibilidades, proporcionar o encontro. As crianças tiveram processos de criação, por vezes solitários e por vezes compartilhado, onde familiares estavam presentes. A aula online foi o ponto de encontro e partilha estética destes corpos [pandêmicos] neste contexto. Possibilidades? Pandêmicas.

## REFERÊNCIAS

CANTON, K. **Corpo, Identidade e Erotismo**. Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

CANTON, K. **Espaço e Lugar**. Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

CARVALHO, C, GOTTARDI, P. e SOUZA, H. R. Corpos[pandêmicos]: ação e subjetividade na arte educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015527, p. 1-15, 2020 Disponível em: <file:///Users/usr/Downloads/15527-Texto%20do%20artigo-209209227800-1-10-20200713.pdf> Acesso em: 30 abril 2021.

INVENTAR in: **MICHAELIS**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inventar>. Acesso em: 30 abril 2021.

LAMAS, N. De C. de; MARMO, A. R. Material educativo em arte: investigação conceitual e metodologia. In: Associação Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas – ANPAP, 21. 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em: <http://tinyurl.com/y8zllhhp>. Acesso em: 2 maio 2017.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação Cultural para Professores Andarilhos da Cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.